

EXPEDIÇÃO AO JALAPÃO (3) final

Foram mais três dias cruzando e sacolejando por estradas de areia fina com “costelas de vaca” e buracos, foi a tônica de toda a viagem pelo sertão, a coluna tem que estar em dia. Fiquei imaginando a colonização da região nos tempos coloniais, as dificuldades de ocupação do território, as distâncias enormes a serem percorridas em picadas abertas no cerrado, sem sombra, pouca água. Quilômetros e quilômetros com vegetação quase rasteira, não se vê animais, estão escondidos do calor de 40 graus, só saem a noite. Paradas para esticar o corpo e fazer xixi no “matoalete” são obrigatórias, coisa que não fazia há muitos anos. A turma francana, maioria de gente que pode andar de graça nos ônibus e metrô deu conta de tudo na maior animação.

Na sequência, fomos a diversos “fervedouros” muito bonitos, verdadeiros oásis com água límpida e areia azulada, paradas refrescantes em meio ao calor infernal. Na verdade, o “fervedouro” tem a ver com as borbulhas das águas que nascem do solo e não com sua temperatura. O problema para paulistas idosos é esse: ar-condicionado no carro, água gelada no “fervedouro” e calor estonteante em terreno aberto, a mistura quase sempre resulta nalgum desconforto.

Entre um e outro “fervedouro”, também pudemos apreciar alguns canyons maravilhosos, a vista se perde nas distâncias do cerrado, com algumas formações rochosas à distância, outro é uma fenda com água e paredes escarpadas com plantas que se debruçam metros e metros do topo ao solo, espantosa adaptação vegetal ao ambiente, como o canyon Sussuapara.

Outros oásis foram a prainha do Rio Novo e a cachoeira do Formiga. Também pudemos visitar as famosas dunas avermelhadas do Jalapão, onde assistimos ao pôr do sol que foi surpreendentemente aplaudido pelos presentes, como a gente fazia noutros tempos em homenagem aos pilotos de avião que taxiavam na pista com suavidade, costume que desapareceu com a popularização dos voos. O por do sol é bonito por conta da paisagem inóspita, as dunas são produzidas pelo vento que vai desbastando a areia das montanhas ao lado e não é fácil subir até o topo, mas valeu a pena.

Conhecemos também um antigo quilombo da Mumbuca onde as mulheres mantêm a tradição de artesanato com o capim dourado, tradição mantida há tempos. O calor, a alimentação pesada e pouco variada (difícil encontrar verduras naquele calor) cobrou seu preço ao turista aprendiz: no almoço do último dia, prestei homenagem ao cartunista Jaguar assumindo o lugar do personagem “Gastão, o vomitador”, um vexame felizmente sem grandes consequências, logo fiquei bom de novo, no dia seguinte embarcamos de volta recheados de lembranças da aventura no Jalapão. Não sem antes ganhar de uma das companheiras de viagem, a Maria Inês, um doce de buriti em caixa, que ela encontrou na feira em Palmas e que eu tinha procurado sem sucesso nas biroskas tocantinenses durante toda a viagem. Como sabem, igual a música que a Beth Carvalho canta, é só substituir a Goiabada Cascão em caixa pelo Doce de Buriti, “é coisa fina sinhá, que ninguém mais acha”. Como certamente diria o Ademir da Nenatur, “fim dos nossos serviços e começo das recordações”.

Mauro Ferreira é arquiteto